



OSCILAÇÕES DOS MERCADOS COMPRADORES DE CELULOSE COLOCAM O SETOR BRASILEIRO EM ALERTA PARA 2012

Segundo estimativas da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), a produção nacional de celulose deve encerrar o ano de 2011 com um total de 14,2 milhões de toneladas, equiparando-se ao nível de 2010.

A produção de papel, por sua vez, deve atingir 9,8 milhões de toneladas, também permanecendo estável em relação ao ano passado. As boas notícias continuam com a receita de exportação, que pode apresentar uma elevação de 6,4% em relação a 2010, ao somar US\$ 7,2 bilhões.

Apesar dos valores muito menores em comparação com os do período anterior à crise financeira de 2008, a Europa foi o principal destino da celulose brasileira, representando 46% da receita de exportação do produto, seguida da China e da América do Norte (25% e 19%, respectivamente). Em relação ao papel, os países da América

Latina permaneceram como principal mercado, sendo responsáveis por 56% da receita de exportação, seguidos por Europa e América do Norte (18% e 10%, respectivamente).

Para a presidente executiva da Bracelpa, Elizabeth de Carvalhaes, os resultados são positivos: "Manter o patamar de 2010 já é um grande ganho em meio ao atual cenário", disse ela durante coletiva de imprensa promovida pela entidade em dezembro último.

O contexto econômico mundial, no entanto, não deixa de ser preocupante. "Influenciadas pela instabilidade dos principais mercados mundiais, as empresas de celulose e papel adotarão medidas austeras para contenção de caixa", completou. Confira a seguir todos os detalhes da análise que a presidente da Bracelpa fez de 2011 e fique a par das perspectivas apontadas para o ano que está começando.

O Papel – Diante das adversidades do cenário econômico mundial de 2011, que balanço a senhora faz sobre o desempenho da indústria nacional de celulose e papel?

Elizabeth de Carvalhaes – Vamos fechar os resultados do ano com um empate técnico em relação a 2010 em termos de volumes de produção, consumo e exportação. Já a receita de exportação de 2011 deverá somar um valor que representa elevação de 6,4% em relação ao ano passado. O empate técnico e o crescimento da receita de exportação em meio ao atual cenário cambial não são, absolutamente, má notícia. Manter o patamar de 2010 já é um grande ganho, pois esse foi um ano no qual o setor cresceu muito. Também é válido lembrar que, em 2011, todos os concorrentes internacionais apontaram indicadores de queda nesses mesmos aspectos (consumo, produção e exportação).

O Papel – Especificamente no segmento de celulose, quais foram os principais desafios enfrentados pelos players brasileiros?

Elizabeth – Em relação ao aspecto econômico de curto prazo, tivemos um cenário de atenção. Muito embora o Brasil esteja se desenvolvendo, o setor de celulose é altamente dependente do mercado externo. Como o maior mercado comprador de celulose brasileira é exatamente a Europa, as oscilações da zona do euro trouxeram – e ainda têm trazido – grandes preocupações não só para os players brasileiros, como também para os demais países exportadores de celulose.

O Papel – Ainda em relação à commodity, quais são as expectativas sobre o ano que se inicia?

Elizabeth – O enfraquecimento contínuo da Europa coloca todos em estado de alerta em 2012. É fundamental que os países europeus se estabilizem para que as empresas brasileiras possam avaliar tendências, fazer previsões e embasar o planejamento estratégico com um pouco mais de confiança do que estão fazendo hoje. Quanto aos Estados Unidos, embora venham se recuperando, a taxa de desemprego continua preocupante. Enquanto permanecer essa situação, o governo americano será obrigado a intensificar os programas assistenciais para que a demanda se mantenha minimamente. Não se trata, porém, de um aquecimento natural de mercado, e sim de um aquecimento motivado pela intervenção do governo – fator que, obviamente, não é positivo para a

indústria de celulose. Já a economia chinesa tem apresentado um bom resultado no portfólio do setor. Assim como as outras economias emergentes, a China incrementou imensamente a compra de celulose nos últimos anos, especialmente para a fabricação de tissue. Contudo, o gigante asiático também precisa de demanda para se manter em pé. Tendo os Estados Unidos e a Europa como seus grandes mercados, a China também apresentou, recentemente, queda de crescimento da economia.

O Papel – Todo esse contexto internacional pode fazer com que os investimentos previstos no início de 2011 sejam postergados ou, até mesmo, cancelados?

Elizabeth – Até o momento, foram feitos dois anúncios de postergação de investimentos, mas não houve nenhum cancelamento. Como a produção brasileira e o investimento de curto prazo estão muito voltados ao abastecimento do mercado mundial, é importante avaliar a tendência dos mercados compradores, que no momento estão voláteis e impedem decisões. A partir do momento em que estiverem estáveis, há duas possibilidades: confirmação ou cancelamento de investimentos. Caso o mercado continue caindo, novos investimentos perdem o sentido. Por outro lado, se apresentar tendência de recuperação e crescimento, os investimentos passam a ser retomados. Ao avaliar as tendências de mercado, ainda há de se levar em conta a questão do dólar, moeda que tem criado prejuízos quase irreversíveis ao mercado exportador, fazendo com que as receitas cubram cada vez menos os custos de produção. Também é importante ressaltar que o Brasil está passando por um processo inflacionário, que, embora sob controle, também causa influências sobre os custos de produção. Mais do que a instabilidade do mercado mundial, a questão do câmbio é o principal fator que tem alterado a decisão das empresas brasileiras em relação aos investimentos.

O Papel – As obras dos próximos dois parques de celulose cumpriram o cronograma em 2011 e mantiveram as previsões de start ups para 2012 e 2013. No contexto atual, os riscos de uma sobrecapacidade de celulose aumentaram? Pode haver algum impacto nos planos dos players nacionais?

Elizabeth – Mesmo com esse cenário mundial, não existe sobreoferta atualmente. Em 2011, o nível de pro-

Elizabeth de Carvalhaes:
“Mais do que a instabilidade do mercado mundial, a questão do câmbio é o principal fator que tem alterado a decisão das empresas brasileiras em relação aos investimentos”

dução das empresas brasileiras atingiu a capacidade máxima, com compras e entregas prévias. Além disso, os estoques estão dentro dos níveis regulares. Não há nenhum dado que mostre elevação de estoque, tanto nacional quanto mundial. Isso quer dizer que hoje não há sobreoferta – e esperamos que continue assim. É verdade que o crescimento anual da China apresentou queda de 11% para 9% nesse último ano, mas, ainda assim, trata-se de um crescimento relevante. Em contrapartida, é importante ficar alerta para que a receita de exportação proveniente da Europa não recue.

O Papel – Dando enfoque aos segmentos de papel, qual balanço pode ser feito do ano de 2011?

Elizabeth – Competir nesse segmento é muito mais difícil do que em celulose, a começar pela estrutura fiscal. Produzimos papel com uma carga fiscal desvantajosa, o que faz com que muitos países sejam mais competitivos do que o Brasil na produção de papel. Outro ponto importante em relação a esse segmento: o crescimento da importação de papel de imprimir e escrever e de papelcartão por conta do desvio de finalidade do papel imune, que tem tornado o Brasil um mercado que abriga fraude fiscal em larga escala.

O Papel – A nova fiscalização do governo sobre o papel imune trouxe resultados positivos ou é possível chegar à conclusão de que mais esforços precisam ser feitos?

Elizabeth – Nos últimos anos, o governo brasileiro começou a reagir contra a fraude fiscal, com uma nova legislação e mudanças nas licenças de importação de automáticas para não automáticas. Ainda estamos avaliando os efeitos dessas medidas. A quantidade de pa-

pelcartão imune que entrou no Brasil neste último ano, por exemplo, serviria para abastecer o mercado brasileiro de livros ao longo dos próximos dez anos. Fica claro que esse tipo de papel vai para algum outro uso que não a produção de livros. Os fabricantes nacionais estão prestes a perder 60% do mercado por conta das importações de produtos fraudados, com falsas declarações de finalidade. É válido reconhecer que houve medidas importantes, porém ainda há muito a ser feito.

O Papel – Partindo para as perspectivas de longo prazo, o que a senhora vislumbra para o setor nos próximos anos?

Elizabeth – Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a população mundial ultrapassou, em outubro passado, a marca de 7 bilhões de habitantes. Em 2025, o planeta terá 8 bilhões de pessoas. Essa perspectiva de crescimento populacional demandará um esforço global para alimentar, vestir e dar conforto aos habitantes do planeta, mas sem exaurir os recursos naturais. Nesse cenário, a madeira é fundamental para atender a parte dessas necessidades, pois tem múltiplos usos. O Brasil almeja tornar-se um importante fornecedor dessa madeira. As indústrias de celulose e papel estão se preparando para esse novo desafio, investindo em tecnologias de plantio florestal ainda mais avançadas, baseadas em biotecnologia, especialmente em transgenia arbórea. A aplicação de novas técnicas de cultivo florestal será essencial para suprir a crescente demanda de alimentos, biocombustíveis, fibras e florestas e permitirá aprimorar o uso da terra, da água, de energia e demais recursos naturais em busca de uma produção cada vez mais sustentável. ■

Espaço para anúncio de 1/4 horizontal